

Disse Elliot que o género humano não pode suportar tanta realidade.

Estava furioso? Não, cada homem, cada comunidade, tem uma catrefada de regras próprias e ciumentas, o seu regime de verdade, ao qual, reza a história, lhe dá mais parra do que uva.

Então, vestindo-se de imaginação, de grandes encenações para se tornar credível, há quem peça algo que os dispense da angústia de pensar nisso e há quem opte por usar a regalia de dizer apenas o que pensa, com ou sem ofensas profundas.

Existem aqueles que não utilizam vinte expressões se quatro chegarem! Outros que se fazem acompanhar de todos os sintomas de quem utiliza o tempo para o gastar mal.

Uns dão ouvidos ao coração e outros à razão.

Há quem se desfaça em retóricas e quem ponha uma cara para o mundo, outra para o privado. Enfim, como uma pulga que nos suga o sono e o sangue, o Homem é tão irónico, pitoresco e hilariante que não se chega a extrair-lhe uma piada.

Por não suportar tanta realidade ou porque no seu rosto há duas faces? Duas óptimas perguntas, sem resposta detalhada à altura.

Embora seja difícil garantir desde já um final feliz, esta meia ficção pode não parecer, mas é uma comédia.

De Vasco Magno pode dizer-se que já veio a mundo com uma ruga de reflexão. Se não nasceu com ela, depressa se lhe cravou, não tanto por capricho da natureza, mas por emancipação precoce. Os pais nunca quiseram um filho, quiseram um mecânico literário, um pensador, o Alfa e o Ómega das palavras daquela família de origens humildes refugiada na literatura para compensar uma série de injustiças que lhes foram frequentemente infligidas. Daí que, em casa, o pensamento e a leitura fossem uma vocação, uma espécie de «franchising» de expressões opinativas hostis à opressão sobre o conhecimento.

Era amanhecendo os dias em ironias e distanciamento do mundo, insurgindo-se com irreverência académica contra as convenções da sociedade – das quais fugiam como se ela representasse a guilhotina dos ideais – que desatavam os «ais de nós» de todos os males.

Assim, desenhavam alegóricas crónicas ou rabiscavam comentários empáticos com os desprotegidos e distantes dos opressores, homologando-os em serões organizados entre amigos e companheiros das artes, combatendo por esses flancos os previsíveis *amanhãs tinhosos* que os preocupavam até à bílis.

Embora cheios de revoltas íntimas, consideravam-se os tipos mais livres da Terra, enquanto dominados apenas por aspirações idílicas, enquanto artífices das palavras que tratavam por gajas, *as suas gajas*, a origem e amparo de todas as ideias, segundo eles.

Nesse feudo formaram o carácter do Vasquinho, germinando nele o gosto pelo odor e consolo encorajante das letras, como se elas – apenas elas – fossem a essência, o braço armado que o protegeria dia e noite.

– *Os escritores, filho, ainda um dia substituirão o protagonismo dos jogadores de futebol, bastará que se deixem de ficar agarrados a simbolismos e a frases tantas vezes malhadas que já não passam de escombros. Vocabulário! Percebes? Vai ao vocabulário pescar palavras que amenizem ou condenem este dificilmente classificável mundo.* Foi nesta persistente e impaciente doutrina que o criaram e lhe roubaram a juventude.

\*

Ainda quase na fase das Maizenas, testou a eficácia desse es-cudo aquando do seu primeiro esboço de poema dedicado à Tere-sinha, a primeira desilusão pré-escolar:

– «*Menina não grama mim, não gosta chavalos ranhosos como mim, mas mim não faz mal, mim depressa arranja outra*».

Rabiscando numa folhinha de papel a frustração de um sonho macio de criança, fez a sua dobragem do Bojador contra o infortú-nio. Ficou contente com o resultado emocional. Finaram-se as lá-grimas solitárias. A força daquele pensamento registado num caderninho punha-no a balançar-se nos calcanhares e depressa o fez esquecer as tranças que lhe fizeram palpitar o coração, onde passou a fervilhar o bichinho da compensação, do escape e da crí-tica. Intimamente agradeceu ao menino Jesus pelos pais, que, quando lhes pedia conselhos, em vez de o mandarem brincar, lhe diziam para aprender a ler.

Sim, pois, mas o que sentiria ou aconteceria quando os aborre-ci-mentos mais consistentes dessem à costa? Quando o casino das pa-lavras não lhe proporcionassem o *jackpot*? Não tardou a descobrir.

No liceu, após uma dança absolutamente patética com uma jovem coxa que o obrigou a perder um litro de suor, fez publicar no jornal interno uma prosa corrosiva. Nela refutou os esforços «hercúleos» de uns quantos pensadores em reivindicar para a mo- vimentação dos corpos na pista um estatuto artístico.

Ele, ao contrário, defendendo que a dança não passava de algo platónico, frívolo, inestético, carregada de sofrimento, catalogou esse *quadro* como um *combate de ursos*, ilustrando-o com uma fo- tografia dos seus pés negros de pisadelas, cuja legenda era tudo menos parecida com um sorriso dentífrico: – Ó irredutíveis tacões!

Nem mau nem piroso, simplesmente um javardo! – Intitulava- se na semana seguinte em artigo orvalhado de ódio subscrito por várias estudantes solidárias com a coxinha, contestando violenta- mente a tese, apontando-lhe erros sem juízo e alegando que na dança, como em todas as artes, não interessam as ovelhas, mas sim o pastor.

Com esta espécie de dentada de sangue, o conceito da barricada das palavras sofreu um abanão, uma forte dor de cabeça. Elas, afinal, também se poderiam virar como arma de arremesso contra si, podiam perfeitamente vergar ou mesmo mutilá-lo. À força de desejar embaraçar os outros, embaraçou-se a si próprio. Se houvesse vida nas Berlengas e ela fosse evolutiva, teria voado nesse mesmo dia para lá.

Ficando como se o Inverno lhe tivesse penetrado no corpo e na alma, passou então por uma fase mais dedicada aos estudos, aqui e ali a uns joguinhos de futebol, e a umas quantas raparigas comprometidas, que não se importavam de aqui e ali abrir uma ou outra exceção com ele, muito graças a alguns delírios oratórios e a uns bilhetinhos cálidos, nos quais se esmerava e que tinham o condão de accionar nelas o detonador da paixão. Enquanto uns lhes enviavam SMS cheios de *crlh's* e de *fdx*, ele, malabarista da língua, era todo rodriguinhos estilísticos e loquazes. Os fins justificavam os seios...

Porém, essa, diga-se, rotina, essa ociosidade, aborrecia-o cada vez mais, já que não aprovava totalmente nem os gestos nem os seus prazeres.

Sentindo falta da combustão literária, chegou a admitir a possibilidade de vir a ser poeta, criar uma pequena federação de descontentes, algo que pusesse fim à inquietude em que vivia.

Os pais, pelo cansaço, tinham também entrado em estado de falência crítica. Doía-lhe ver neles um olhar de resignada tristeza. Baixaram os braços, transferindo para ele a continuidade das cogitações filosóficas que tanto se esforçaram por lhe incutir. Agora, com frequência inusitada, até inconveniente, bailavam-lhe no cérebro duas máximas insistentemente repetidas ao longo dos anos, como que palavras d'ordem de um qualquer quartel político clandestino: *Somos apenas soldados da ética e do humanismo, só que servimos exércitos diferentes dos da sociedade, porque temos necessidades contrárias às manchas injustas estabelecidas por ela.*

Na época, mesmo em estado de pouca consciência, para lá da silenciosa aprovação, ia mais além e batia palminhas. Constatava

agora que nada tinha desmentido a ideia de que os pais e as suas tropas tinham do Mundo. Nada se alterara. Só o próprio. Que lindo! Que dramático!

E contorceu-se como que atacado por cólicas.

\*

O período de quaresma intelectual chegou à meta ao ingressar na Universidade. Ali conheceu o Professor Morgado, aquele que viria a exercer nele mais autoridade académica, social e política.

Numa sombria noite de chuva, levou-o a passear pela cidade dando-lhe conta, após dois copos de vinho bem graduado, da sua incapacidade em se afeiçoar à contemplação pura das hipocrisias dos homens:

– *São os mais amáveis e carinhosos inimigos que conheço, meu pobre Vasco.*

– Meu bom professor, não é demasiado azeda essa imagem?

– *Sabe-se lá, sabe-se lá, mas se apalmares bem as evidências é bem provável que a consciência dos factos te sugira a procura de bons abrigos para não ficares fulminado.*

– Curioso, o meu pai acha que os indiferentes às guerras, à miséria, às injustiças são, também eles, uns bárbaros... contudo... e estou aqui com a preocupação em não parecer pomposo... se há séculos que se tentam revoluções armadas e intelectuais, precisamente para pôr o Homem na ordem, é porque... não sei... os ganchos ou os iscos não terão sido os adequados...! Concorda?

– *Referes-te à falha dos vasos comunicantes, ao furor dos seus paradoxos tantas vezes debatida para outras tantas inconclusivas, não é? Pois bem, sem te afogares num mar de trivialidades, tens uma ideia, uma toalha à mão que limpe a coisa?*

– Tenho.

– ???

– Promover a diplomacia da diversão! Ninguém precisa de juntar ódio ao ódio. Dessa forma a maioria das pessoas não consegue digerir nada, pelo contrário, se o absorve semeia-o, daí que o meu

espírito esteja meio inclinado a tecer alguns planos, para já cada um mais absurdo que o outro – os absurdos deslumbram sempre –, mas nos mantos dos quais se escondam açoites meio suaves, mas tão eficazes como... está a seguir o meu raciocínio?

– *Claro! A arma da ironia! A magnitude da ironia! Meu pobre doido, absolvo-te dessa ingenuidade. O único sucesso que obterias, creio, seria de ordem singela, íntima, não daria para a repartires sequer com o teu lenço de assoar. Porém, de modo que não morras hesitando entre a esperança e a dúvida, não desistas dela. Sim, investe na ironia, mas da categórica, dota-a do melhor sarcasmo, põe-na a ganhar, consegue-lhe vitórias ao ponto da própria ambicionar dar autógrafos...*

– Saboreio o apoio, mas como posso ignorar a sua resistência? O seu cepticismo?

– *Não o valorizando... Aprofunda sim a tua ambição, mesmo que, pelos vistos, não passe de pigmeia.*

– Dito isso nesse tom e com esse ar...

– *Se tudo te parece equívoco, interpreta-o a teu favor, mas não permitas que a inspiração se deixe ultrapassar pela idiotice.*

Após uma série de silêncios que ambos nunca tinham ouvido antes, olharam para as horas, passava das duas da manhã, era sexta-feira, podiam passar por um pedaço de realidade, por um bar, onde, como ninguém mais, um velho extraía do piano os gemidos e as alegrias que lhe iam no coração.

Perto das quatro horas Vasco deitou-se numa cama cheia de reticências.

\*

Já Vasco ostentava um bigode vaidoso e era o responsável pelo boletim universitário, quando conheceu Anabela. Fora vê-la cantar numa tasquinha, daquelas de filmes, do Bairro Alto, por sugestão do seu amigo Jorge.

A primeira impressão não foi a melhor, achou-a um tanto vulgar na voz e no corpo, mas, como amiga do amigo, foi simpático com

ela, não ao ponto de a brindar com palmadinhas comunicativas, muito menos expor-lhe o sorriso inexplicável que as moças tanto aplaudiam. Por cortesia trocaram números de telemóvel, por educação deram um beijo à despedida. Por precaução, ele disse-lhe ser pouco provável voltar ali: – *A não ser que os «se calhar» os «não sei» desta vida me façam mudar de ideias.*

A rapariga baixou os olhos humilhados e fez um sorriso que poucos entenderiam ser uma manifestação de crueldade. Mas foi.

Ela, a quem Jorge fizera o retrato do companheiro de estudos e rambóia, já lhe absorvera todos os bocadinhos da personalidade antes de o ver. Fora completa e vagarosamente etiquetado, tantas foram as cervejas gastas (aquela tasca era um autêntico bebedouro) a ouvir orgias líricas e relatos ancorados em situações desconcertantes daquele *irredutível e manhoso fantasista*. As doses foram de tal ordem que lhe chegou a aparecer nos melhores e nos piores delírios, fruto também de uma vida com poucas razões de enfoque, sobretudo no banco das emoções. Anos praticamente nulos de afectos faziam com que o facto de ter subido ao pódio num concurso de dança, quando frequentava o liceu, fosse a única nota a mexer-lhe e fazer cócegas nas memórias.

Por isso, quando Jorge nessa tarde anunciou que finalmente lho iria apresentar, já que estava *condenada* a conhecê-lo, passou o resto do dia a inventar um palco onde ambos pudessem actuar em plano de igualdade.

Aluna de teatro, estava disposta a ensaiar a sua primeira representação sem ensaio apurado mal acabasse de cantar. Fazia-o de segunda a sábado para poder cumprir o caderno de encargos, incluindo o curso e a mensalidade do ginásio. O repertório era constituído por fado e fado canção, a quem a sua voz, um quanto rouca, doava um timbre de bagaço encorpado. Recentemente tinha aprendido que os actores, para melhor os representarem, deviam frequentar os lugares dos espectadores, por isso reservou para todos uma mesinha pequenina e pouco iluminada. O seu português era um quanto descartável e esse *décor* seria mais propício para complicitades visuais do que para grandes oratórias... de todo indesejáveis.